

A ESCOLA PARA TODOS É ARTÍSTICA: A DIMENSÃO ESTÉTICA E A DIMENSÃO LÚDICA NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA

M. Eugénia Simões Raposo

*Unidade de Investigação em Educação e Desenvolvimento, Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade Nova de Lisboa, Portugal*

UMA ESCOLA COM ARTE(S)

Este artigo* toma a educação artística como aspecto central, para abordar a importância da dimensão estética e da dimensão lúdica em educação e na construção de uma nova perspectiva de escolaridade.

A dimensão estética e a dimensão lúdica são condições essenciais à construção da nossa existência, às nossas posturas de vida. Por este motivo, são condições essenciais à construção da escola e da educação em geral, sobretudo se entendermos poder avançar para uma nova concepção de escolaridade, fundamentalmente centrada na construção da pessoa, do ponto de vista do desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

A escola não pode ficar indiferente à importância da sensibilidade na construção do conhecimento, bem como à importância da empatia e do prazer no processo de aprendizagem, devendo ainda reconhecer que o gosto pelo contacto com as pessoas e com os próprios objectos (os do mundo físico e os do intelecto) e a satisfação pela descoberta podem ter um papel determinante.

Na escola, de que falamos, há espaço para o intelecto e também para a pessoa, entendida nas suas várias dimensões: cognitiva, emocional e sócio-afectiva, uma escola feita de racionalidade e afectos, de razão e emoção. Trata-se de uma escola que só é para todos, se for artística, no sentido da construção não de verdadeiros artistas, mas de pessoas suficientemente sensíveis, lúcidas e empenhadas (porque motivadas) na construção da sua própria existência (com os outros).

EDUCAR PARA A EXPRESSÃO



A associação de uma dimensão lúdica à actividade artística tem encontrado fundamento na importância da liberdade (como expressão de sentimentos, emoções, instintos) e na importância do desenvolvimento da sensibilidade (como capacidade para sentir, procurar e exteriorizar sensações).

Esta perspectiva relaciona-se fundamentalmente com a ideia de que as artes e as actividades lúdicas devem facilitar a expressão, dando consistência à ideia de liberdade como manifestação espontânea dos aspectos mais íntimos que definem a personalidade de cada um. A expressão, entendida nesta linha, sustenta grande parte das teorias que associam a arte à alegria, à felicidade, à manifestação espontânea da personalidade individual, constituindo, por isso, um traço essencial da educação no sentido da construção da liberdade.

Para alguns psicólogos, a expressão é uma forma de actividade compensadora de problemas. Deste ponto de vista, alguns dos problemas da criança e do jovem decorrem precisamente da falta de expressão, ou melhor, da oportunidade para darem expressão ao que sentem, o que releva a importância de uma educação pela expressão.

Não podemos deixar de reconhecer a importância das relações interpessoais, da empatia, da congruência, bem como da liberdade e da criatividade na construção da pessoa e das suas aprendizagens. Apenas as situações favorecedoras de empatia criam condições a uma verdadeira aprendizagem (Rogers, 1986). Nesta perspectiva, há que começar por considerar a importância das actividades artístico-lúdicas do ponto de vista da possibilidade da expressão de sentimentos, do desenvolvimento da personalidade, da aproximação entre as pessoas e da promoção dos afectos.

Uma educação empenhada numa dimensão artística e lúdica pode levar os alunos a aproximar-se da escola, a melhorar o aproveitamento escolar, a encontrar satisfação e a desenvolver a livre criatividade através da própria apropriação dos meios técnicos e materiais favorecedores da expressão pessoal.

EDUCAR PARA A SENSIBILIDADE



Severini - Mare = Ballerina - (1913-1914)

A linha de construção da pessoa, que escolhi seguir, não se desvia desta perspectiva; o que sublinha é, fundamentalmente, o carácter de processo permanente da própria abertura humana à existência.

Neste caso, o enfoque está na ideia de que a sensibilidade não se limita às sensações ou à livre expressão de sentimentos como forma de libertação (por oposição a “repressão”). A sensibilidade tem um papel importante ao nível da construção das nossas visões sobre o mundo e, consequentemente, sobre o mundo e o modo como o projectamos e dispomos a construir. Esta construção envolve tanto o intelecto quanto o sentimento e o nosso próprio pensar sobre o que sentimos e o modo como sentimos.

Educar para a sensibilidade é uma tarefa fundamental da escola. Educar para a sensibilidade envolve o sentimento e a razão, implica o pensamento e igualmente sensações, emoções e a capacidade própria de cada um para “sentir o acontecer”

dessas sensações, dessas emoções, podendo desse processo resultar aprendizagem e transformação. Este ponto de vista determina uma lógica diferente de encarar as relações entre o que pertence ao domínio das artes e o que tradicionalmente nos aparece associado à escola e à educação. Educar para a inteligência pressupõe uma educação para a sensibilidade.

Eisner (2001, p. 9) sublinha a possibilidade do desenvolvimento de certas capacidades associadas à utilização dos próprios meios, utilização essa que implica escolhas e a resolução de determinados problemas, sendo isto possível apenas se houver esse contacto directo e uma implicação do sujeito, o reconhecimento para si próprio das suas possibilidades de intervenção e de decisão, através da motivação e da livre escolha. Este é um aspecto frequentemente desvalorizado nas escolas, que deveria ser tomado em consideração.

“The arts are eye openers”

They marry thought and emotion in the service of maning”

Eisner

EDUCAR PARA O PRAZER

O facto de sermos capazes de construir visões do mundo diversificadas, sobre nós próprios, sobre os outros e que nos rodeia, permite-nos encontrar nisso satisfação e prazer, abrindo-nos várias possibilidades. A satisfação, neste caso, resulta da compreensão do mundo pela descoberta de nós, do outro e do mundo, da abertura de novos horizontes pela procura da nossa própria individualidade.

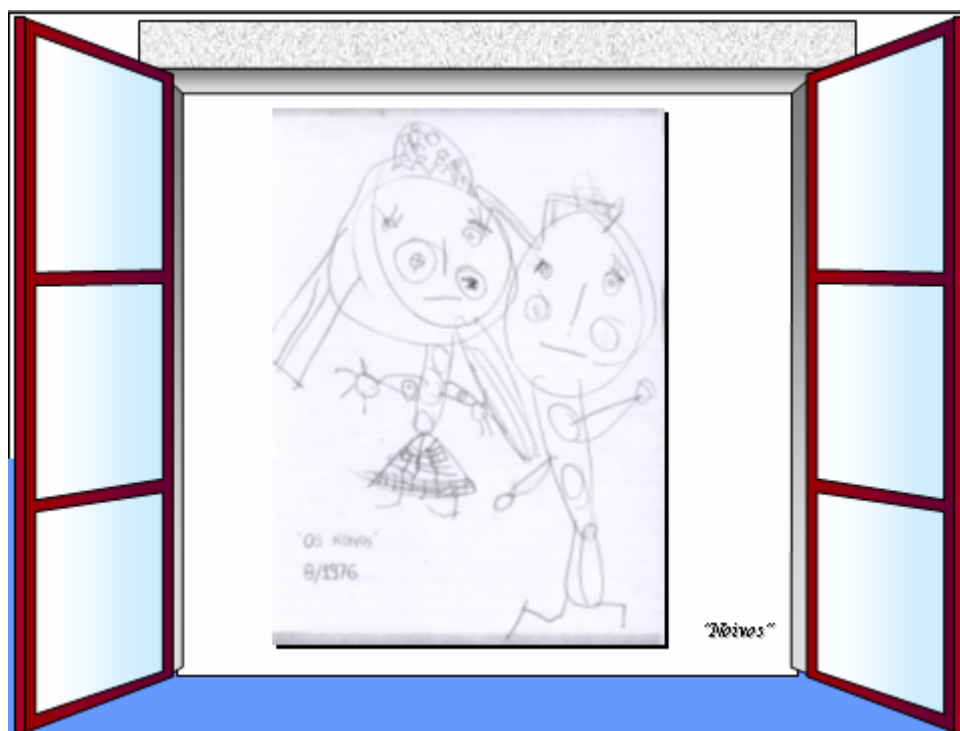
Podemos sentir-nos felizes, pelo simples motivo de que somos capazes de ver diferente, porque somos capazes de descobrir o que nunca tínhamos imaginado possível. Para além do aspecto estético, está implicado, em situações deste tipo, o aspecto do prazer, do ponto de vista da capacidade humana de entendimento do mundo. Este processo está na base da nossa vontade de permanecermos como até aí ou motivar o desejo de mudança, sendo determinante ao nível dos nossos acordos com a vida.

Perante uma grande obra ou através de um simples relato de uma história podemos sentir-nos apenas atraídos, sentindo-nos bem, relaxados, fascinados, com um sentimento de conforto. É possível ainda que sejamos invadidos por uma sensação de plenitude, apenas porque sentimos que pertencemos ao mundo, no qual vale a pena viver e com o qual nos sentimos em comunhão, com espanto e reverência. Pode acontecer que se trate de uma situação de “fascínio estético” (Bjarne Sode Funch, 2000, define cinco tipos de apreciação artística, entre os quais o “fascínio estético”).



O próprio Freud terá desfrutado deste sentimento de fascínio estético, sendo conhecido o exemplo da escultura *de Moisés* de Miguel Ângelo, em Roma. Pode acontecer que a fusão com a obra seja de tal ordem que “aquela realidade estética” deixa de estar ali, tornado-se a obra e o espectador uma só identidade.

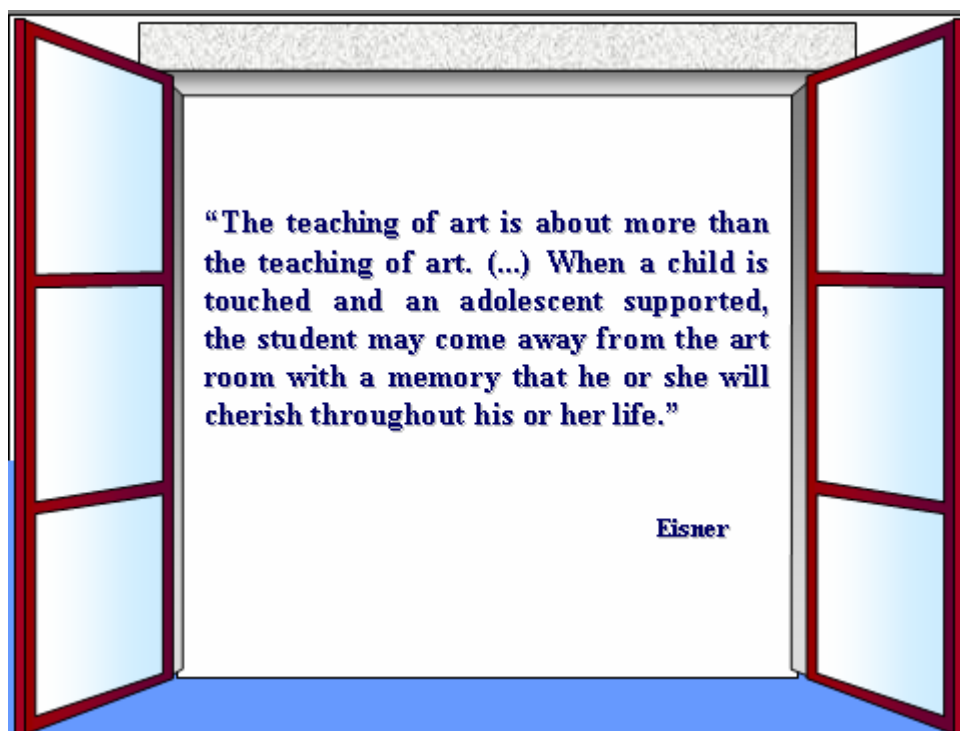
Se isto é válido para grandes obras, pode ser igualmente válido para obras de pequenos artistas, como por exemplo, as dos nossos filhos ou as dos nossos alunos, no caso daqueles trabalhos que trazemos presos na memória e que, na altura, tanto nos surpreenderam (e continuam a surpreender-nos) ou marcaram uma ocasião.



Mas podemos também ficar simplesmente fascinados com a nossa capacidade para criar ou até reproduzir, de recriar ou de expressar ideias ou sentimentos, estando grande parte do prazer na contemplação do resultado da obra. Temos ainda a possibilidade de “saborear” o simples contacto, a sensação do contacto.

Considerando uma perspectiva educativa, numa primeira fase de aprendizagem do aluno, o contacto com as artes poderá limitar-se à apreensão e apreciação de algo, através, por exemplo, de uma simples vivência de satisfação perante uma obra própria ou de alguém que lhe está próximo. Em fases posteriores de desenvolvimento, poderá levar-se o aluno a formular juízos de apreciação estética mais elaborados. Este poderá ser o ponto de partida para um modo de estar na vida e de construir vivências com arte, passando a arte a estar presente em todos os seus momentos.

Para concluir, gostaria ainda de dizer que acredito que há que começar, ainda que pelas pequenas coisas. E uma delas, uma das que mais tem sido relegada para segundo plano, tem sido a educação artística. Como assinala Eisner (2001, p. 10),



Jogar os caminhos da vida é moldá-la, configurá-la, dar-lhe sentido. Talvez possamos dizer, então, que o mundo merece que todos tentemos tornar-nos artistas.

Uma educação que favoreça uma dimensão estética deve dar-nos essa possibilidade de construirmos diferentes visões sobre o mundo e de as pormos em relação; a dimensão lúdica, que cabe à educação também privilegiar, deve ajudar-nos a encontrar prazer na construção desse mesmo mundo, permitindo-nos compreender o potencial da nossa intervenção e a importância dos nossos posicionamentos em face da vida e face dos outros. A escola capaz de articular esta concepção de educação, é uma escola de artistas, não dos artistas "verdadeiros", mas dos que são capazes de encontrar nas linhas dispersas da vida os caminhos que ajudam a configurá-la, entre o pensamento e sentimento, ainda que a sua expressão possa ser uma simples flor, a mesma que, mais tarde, quem sabe, nos trará recordações da infância há muito esquecida.

O poema de Almada Negreiros, que aqui vos deixo, ilustra bem esta ideia:



Sendo a dimensão estética e a dimensão lúdica, dimensões importantes para a arte e para a educação, são também parte importante dos nossos acordos com a vida. Os espaços educativos, por excelência, espaços dedicados à pessoa e, sendo por isso mesmo, espaços de formação, devem considerar a importância destas dimensões.

REFERÊNCIAS

- Eisner, Elliot W. (2001). Should We Create New Aims for Art Education? *Art Education*, 54 (5), 6-10
- Rogers, Carl (1986). *Tornar-se Pessoa*. Moraes Editores
- Sode Funch, Bjarne (2000). Tipos de apreciação artística e sua aplicação na educação de museu. In Fróis, João Pedro Coord. *Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares* (109-125). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian